

***Depois da escrita* – um experimento na tradução de Jacek Dukaj**

Regina Maria de Lima Pimentel¹

Universidade Federal do Paraná

Apresentação

Esta publicação tem por objetivo apresentar trechos da coletânea de ensaios *Depois da Escrita (Po Piśmie)* do escritor polonês Jacek Dukaj (1974-), nominadamente a introdução e um dos ensaios, intitulado “A Terceira Guerra Mundial entre o Corpo e a Mente”. Os textos foram traduzidos a partir da versão em polonês, *Po Piśmie* (DUKAJ, 2019), para o português no âmbito do curso de graduação em Letras-Polonês, tanto como Projeto de Aprendizagem como na disciplina Tradução Literária, ambos sob orientação do Prof. Dr. Piotr Kilanowski.

O autor, Jacek Dukaj, nascido em 1974, no sudoeste da Polônia, é um prolífico e premiado autor de literatura fantástica e ficção científica. Dukaj é o que se pode chamar de um pensador da modernidade, analisando, entre outros temas, os impactos sempre crescentes da informática e da tecnologia aplicada aos organismos biológicos. Pode-se dizer que ele é também um continuador da obra de outro polonês, Stanisław Lem (1921-2006), também ensaísta e também autor de ficção científica. Uma de suas obras mais conhecidas de Lem é *Solaris*, mais de uma vez levado às telas de cinema.

Lem, como Dukaj, debruça-se infatigavelmente, na sua obra, sobre a influência da evolução tecnológica e dos *environments* inusitados a que está crescentemente exposta a humanidade. Ambos, Dukaj e Lem, valem-se, para isso, da literatura, da filosofia, da cultura pop, da neurociência e da hard science, especulando a respeito do ‘novo’ ser humano que emerge das mudanças cada vez mais velozes da tecnologia aplicada à comunicação, à neurobiologia, ao convívio social.

Na Introdução aos ensaios incluídos em *Depois da Escrita*, Dukaj relata a experiência de escrever sobre um mundo volátil, quando o próprio escritor é impactado pelo seu ambiente a tal ponto que já não é clara a diferença entre o observador e o fenômeno, e onde se começa a divisar uma possível insuficiência da linguagem para lidar com essa ‘modernidade líquida’, termo cunhado pelo também polonês Zygmunt Bauman.

¹ Bacharelada em Letras-Polonês na Universidade Federal do Paraná. E-mail: regpimentel@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2909-1060>.

O ensaio que se segue, “A Terceira Guerra Mundial entre o Corpo e a Mente”, é um conjunto de pequenos textos nos quais o fio condutor é a relação entre mente e corpo, submetida aos crescentes recursos tecnológicos de manipulação do corpo, por um lado, e da emulação da mente em dispositivos computacionais, por outro. A disputa de primazia entre eles, e da emergência de novos meios tecnológicos que, diretamente, afetam essa relação e essa primazia é o eixo orientador das reflexões do autor.

Depois da Escrita

Intro

No ditado de que não são as pessoas que escrevem livros, mas os livros que usam pessoas para serem escritos, escondia-se a premonição daquela experiência bastante comum da relação com a palavra escrita: a sabedoria do texto excede a do seu autor. Escrevi e só então comecei a entender o que foi escrito; comecei a ver os significados mais profundos do escrito. Em uma versão mais enfática, o ditado soa assim: “Os escritores são mais estúpidos que seus livros”.

De onde vem essa sabedoria excedente? No caso de obras literárias - aquelas com objetivos puramente artísticos - muito pode ser imputado ao subconsciente do autor. A todas aquelas partes da mente cujo trabalho permanece oculto a nós. “Por que seu personagem se comportou dessa maneira em particular?” “E como vou saber por que eu mesmo me comporto como me comporto”?

No caso de textos dedicados à análise da realidade, conectados pelo método de raciocínio que é compartilhado por muita gente, buscamos relações obscuras ou já esquecidas nas raízes das palavras, palavras que servem como suporte para ideias. A imensa maioria dos nomes do invisível que usamos no Ocidente vem do grego e do latim. Quando os idiomas e as culturas se acomodavam nos leitos dos significados, se arranjaram de acordo com os livros de sonhos gregos e latinos, ao rumorejar do Mediterrâneo e ao brilho das estrelas que guiaram Odisseu e os Argonautas. O fato de que agora, inconscientemente, enunciamos e escrevermos tais ordens de significados e associações de ideias deve-se à sabedoria desenvolvida por gerações de pastores, marinheiros e caçadores que vaguearam pelos meandros da humanidade nos milênios 3 e 2 a.C.

Outra fonte deste excesso brota do tempo, da própria temporalidade. Uma vez escrita, uma palavra começa a envelhecer; um minuto depois a olhamos com espanto: “Afi-

nal de contas, o que eu realmente queria dizer?” Quando o acusado é convocado perante o tribunal para “responder por seus atos”, esta expressão - e se vê aqui como os sentidos se alojaram no berço da linguagem - separa o ato de seu autor. É feita uma pergunta – que poderiam ser feitas também para uma construção, uma escultura ou uma canção - e em seu lugar responde o autor. Ele é o porta-voz, o intérprete da realidade, sobre a qual recaiu a sombra de seu passado.

De que maneira um autor “responde por seus livros”? Escrevendo outros livros. Assim, de sua relação mútua no tempo vem este específico excesso: a vida das ideias, o movimento, a dança dos sentidos.

Não toquei; fui tocado. Olhando para trás na procissão de textos deduzidos de mim, descubro - um astrônomo de luneta invertida - numerosas relações de continuidade, contradição, resultados. Somente nesta perspectiva cintilam as constelações de obsessões e ansiedades, sob cujo presságio li e escrevi durante anos.

Neste volume, agrupei textos que compõem duas constelações principais: a linguagem e escrita como portadores não essenciais e transitórios da humanidade, e o homem desprovido de subjetividade.

Estas ideias em si nunca se me apresentaram desta maneira, embaladas em frases e amarradas com a fita de um parágrafo. O que significa realmente “homem desprovido de subjetividade”? O `eu` de alguns anos atrás teria dado de ombros e considerado isso loucura.

O que sabemos sobre o sujeito foi o que nos foi ensinado nas aulas de polônês: que ele está na frase ao lado do predicado. “O mestre-capela Gruber devorou uma linguiça dourada”. O mestre-capela Gruber aqui desempenha o papel de sujeito, a linguiça dourada é o objeto, e o predicado é que a linguiça foi devorada. Assim entendemos, alimentados pela sabedoria muito mais simples da linguagem, que o sujeito é a fonte das ações, julgamentos e valores, em torno do qual giram os demais seres e eventos; que todos eles são “para” o sujeito; que é nisso que consiste a subjetividade.

Cabem nesta intuição-matrioska pelo menos três subjetividades. Há o mestre-capela Gruber, que ficou com fome, desejou uma linguiça quente, tomou-a e comeu-a: o sujeito causal. Há o mestre-capela Gruber, de cujo ponto de vista podemos contar a história de devorar uma linguiça: a autoconsciência do mestre-capela Gruber, refletida no consumo da linguiça (em oposição à inconsciência da porção de carne de estar sendo devorada). E há o mestre-capela Gruber, que tem o direito de devorar a linguiça, enquanto a linguiça não tem o direito de devorar o mestre-capela Gruber (e não tinha mesmo quando ainda estava correndo sobre os seus cascos), visto que Gruber e seus semelhantes é que são a fonte do valor, e não os embutidos, miúdos ou carne de caça.

Vejo agora – luneta virada para trás – como há anos cresce em mim a desconfiança contra todos esses tipos de subjetividade – especialmente a primeira, a do autor.

Fala e pensamento também são ação. Temos um inato senso de causação sobre o que dizemos e sobre o que pensamos. E talvez a suspeita se origine da percepção da sutil diferença entre - `Pensei X` e `X me ocorreu`.

Você saboreia a diferença, enrola-a na língua, atira-a para as profundezas da mente silenciada - e finalmente admite: esta última reflexão é que está mais próxima da experiência original, pré-linguística.

O caminho linguístico e literário destas suspeitas leva diretamente ao ensaio Depois da Escrita. Muito mais meandroso e ramificado é o caminho do reconhecimento da dessubjetificação do homem pela tecnologia. Tecnologia, ou instrumentalidade: algo que utiliza outro algo mais para atingir determinado objetivo. Há anos venho lendo sobre esta instrumentalização, descrevendo-a e desenvolvendo-a ao extremo em minha imaginação, sem colocar em palavras a própria essência do processo: relacionada não apenas à inversão da direção de uso (quando o homem já não usa, mas é usado), mas também à chegada à independência desta ferramenta que é mediadora entre o sujeito e o objeto. Independentemente do quê ou quem está no lugar do sujeito, e o quê, quem - no lugar do objeto. Ambos são meramente servos, sombras do próprio uso. Eles são governados pelo que em geral parece não existir: relação, estrutura.

Estas intuições provavelmente atravessam todos os meus textos clássicos de ficção científica. O primeiro vislumbre da consciência que tive delas me parece ser o termo “metaxocracia” dos Oceanos Negros (2001), que aponta diretamente para o “poder do intermediário”.

Aqui, em forma ensaística, olhando de vários ângulos e tratando de vários tópicos, o motivo é retomado em No Limite da Esperança, Arte na Era da Inteligência Artificial e Os praticantes do tédio feliz.

A cronologia da primeira obsessão – a que se concentra na linguagem e na escrita – remonta no mínimo ao ensaio Muito longo, não vou ler, que escrevi (que se escreveu através de mim) para o Tygodnik Powszechny em 2010. Mas não incluo aqui qualquer texto que não tenha valor intrínseco, que não fale de nada além de uma questão repetida e desenvolvida posteriormente.

No entanto, vocês percebem como de um ensaio para o outro certos pensamentos, perguntas, conceitos - como motivos musicais entrelaçados no jazz - crescem ou diminuem, se embaçam, tomam corpo, concretude, nomes, e finalmente - aquela completude formal que sinaliza a maturidade de uma ideia: independente, com vida própria, sai para o mundo, obsidia outros. Espero que obsidie.

Não expurguei dos textos tais repetições, vendo o valor desta meandrosidade, um excesso de significado nas incertezas e possibilidades do passado. E também - um benefício substancial para leitores não acostumados a tal pensar por escrito.

Não é apenas mais fácil escalar montanhas com declives suaves e longo; também aprendemos algo enquanto as escalamos. Aprendemos a forma da montanha contornando-a. Vemos para que lado não devemos ir, para que lado outros foram e se desviaram, tombaram pelo caminho. Aprendemos a escalar as próximas montanhas, todas as montanhas possíveis.

O título do ensaio, *Depois da Escrita*, foi escrito com consciência desse vagar, num reflexo de autoanálise. E também a partir do reconhecimento do que eu estava realmente tentando conseguir nos últimos anos, assassinando a mim mesmo com *Recursão*: criar um romance na era da pós-escrita, uma literatura de experiências não literais.

De fato, as partes comuns da primeira e segunda constelações de obsessão incluem numerosas obras literárias, desde *Gelo* (2007) até *Império das nuvens* (2018). De fato, se calibrarmos a luneta e a ela aplicarmos os filtros do conhecimento posterior, pode-se ver que as constelações também incluem meus primeiros contos, como a *Escola* de 1995, na qual o protagonista cria um poema-hino para elogiar o poder de “si mesmo”, gritando em desespero aos “sujeitos de obras abandonadas”.

Eu sabia o que escrevi, compondo esses versos? Quem os compôs? O que ele queria mostrar?

Mas será que o hino do homem dessubjetivizado pode ter um autor? Eu não o escrevi; ele se escreveu por meu intermédio.

A Terceira Guerra Mundial entre o corpo e a mente

01.

Por cima do rugido das chamas, um grito rola pelo corredor.

CHARLIE

OLHEM PRA MIM! OLHEM PRA MIM! VOU MOSTRAR PRA VOCÊS A VIDA DA MENTE!

Corredor

O fogo avança para o fundo do corredor

Close-up num pedaço da parede

O fogo flui pelas fissuras.

A câmara foca em Deutsch

Seus olhos se arregalam ante a visão de Charlie e do fogo que se aproxima; a pistola esquecida pende de sua mão abaixada.

Do ponto de vista de Deutsch

Charlie investe contra ele pelo corredor, pressionando o trabuco no peito. As chamas o seguem.

Aos berros:

CHARLIE

OLHEM PRA MIM! VOU MOSTRAR PRA VOCÊS A VIDA MENTAL! VOU PRA VOCÊS A VIDA DA MENTE!

Barton Fink (1991), Joel Coen & Ethan Coen

02.

A Human Body Exhibition, ao que parece, foi tão popular em Cracóvia que teve que ser prolongada por meses. É uma exposição do corpo humano, dividido em partes, camadas e subsistemas de uma máquina biológica, que, na ânsia de reduzi-lo a um maquinário orgânico, chega a ser de uma torpeza libertadora: quando se segura um riso nervoso ao ver a glória desnuda e a hediondez do músculo ou do osso que se sente logo abaixo da própria pele.

Vejo como essa mostra desperta uma incrível fascinação, especialmente entre crianças. Basta que um anúncio dela apareça em bondes e ônibus e logo os escolares se animam, os meninos (especialmente os meninos) trocam entre si fotos e vídeos, se cutucam mutuamente com histórias de horror, mergulham em divagações hipernaturalistas sobre os extremos da biologia, sobre morte, nascimento, digestão, excreção, cópula, morte, decomposição e túmulo, que nunca podem ser totalmente expressos no seu linguajar.

Depois disso, desconectam-se do mundo da matéria e são novamente consumidos pelos seus celulares, mensagens de texto e jogos.

03.

Diz o zumbi!:

Tendo-se coberto de tatuagens para parecer um cadáver vivo e adornado com parasitas carnívoro, o *Zombie Boy* não teme nem a morte nem os vermes; mas o mundo não será o mesmo depois de ter feito da sua pele uma tela para imagens de vida após a morte.

Esta é uma entrevista com um zumbi, como ele próprio se identifica; um zumbi com estilo.

Q: *De quem foi a ideia – da transformação em zumbi?*

A: Hummm, da minha avó ou do carteiro – já se me apagam da memória os detalhes dessa festa do cabide.

Q: *Alguma vez você ficou assustado com o que você fez consigo mesmo e com o seu corpo?*

A: Nunca! Tenho ralado por mais de uma década para atingir esse objetivo, embaixo da agulha e da faca, embaixo de um teto, do sol e da lua, essa é a chance da minha vida.

Q: *Você se sente mais humano, mais exposto, mostrando as suas entranhas perante o mundo?*

A: Pra falar a verdade, pra mim isso é só tinta. Como a tinta nos quadros. Deveríamos ter um medo irracional da criação artística? Sinto, pelo contrário, que isso mais me faz evoluir do que me enfraquece.

Q: *O que você quer expressar com a sua arte?*

A: A anarquia. Sou anarquista, esse é um chamado à revolução. O primeiro estágio da revolução é a rebeldia. E parecer morto quando se está vivo, isso desafia as próprias leis da natureza.

Rick Genest, conhecido como *Zombie Boy*, tem estado trabalhando em tatuagens que mostram o interior de seu corpo em decomposição desde que tinha 19 anos; a tatuagem já cobre 80% do seu corpo.

Até o momento, *Zombie Boy* tem sido a face da L’Oreal, da coleção de moda Jay-Z, apareceu num vídeo da Lady Gaga, no filme *47 Ronins* ao lado de Keanu Reeves e em vários desfiles de moda como modelo.²

04.

Em 2012, apareceu no *Cultural Studies Review* o ensaio “Avatar, Identification, Pornography”, de John Frow. Nele, Frow compara duas das mais sonoras expressões da relação do homem com o corpo: os avatares computacionais e a pornografia.

A primeira condição de entrada em qualquer texto cultural é a identificação. “Sem que se desperte o interesse num personagem que de alguma maneira recorda a nós mesmos, não nos engajaremos tão profundamente no processo de leitura”. Frow sugere que isso se aplica também a narrações discursivas, mesmo àquelas altamente abstratas, onde aparentemente não há com quem ou com que se identificar.

A popularização dos avatares computacionais faz com que seja mais fácil colocar em circulação linguagens mais precisas para descrever essas relações. É necessário cindir a ideia do corpo em pelo menos três instâncias: a do corpo físico, a do corpo

virtual e a do corpo fenomênico. Esse último refere-se à nossa imaginação-sentimento do corpo, ao “mapa mental do corpo” construído pela sua experiência subjetiva, na tradição de Merleau-Ponty.

Frank Biocca escreve³: “Vê-se que tal manifestação (computacional) consegue significativamente modificar a imagem interna do corpo. Figurativamente, o corpo virtual (avatar) compete com o corpo físico para influenciar a forma do corpo fenomênico. O resultado final é um peculiar cabo de guerra na mente do usuário da interface, fazendo com que a imagem interna do seu corpo oscile.

Lukas Blinka⁴ diferencia aqui três partes componentes da relação: identificação, imersão e compensação. Com o tempo, a identificação parece se transformar numa imersão mais ampla e profunda, embora não tão facilmente conseguida. Jogadores mais velhos ‘sonham acordados’ sobre o mundo do jogo, mas não mais se identificam diretamente com o avatar; o avatar se torna algo entre uma imagem fenomênica do corpo e uma figura completamente separada (como um personagem num filme). A força deste deslocamento se reduz no caso de jogadores casados, o que se pode interpretar tanto positivamente (relacionamentos na vida real curam relacionamentos virtuais) como negativamente (o casamento mata a imaginação).

Marie-Laure Ryan afirma⁵: ‘O jogador (num jogo de computador) persegue o objetivo estabelecido pelo jogo por meio da realização de uma série de ações pelas quais ele determina o destino do mundo do jogo. Esse destino é moldado por meios dramáticos, por meio da atuação, e não diegeticamente - por meio de narração. Mas, ao contrário do drama tradicional, esse jogo é autotélico, não orientado para espectador algum: a execução dessas ações é precisamente o sentido do jogo, e a principal fonte de prazer para o jogador’.

Essa autotelicidade obsessiva é facilmente associável ao sexo; na realidade, em seus sintomas e neurologia, a dependência do sexo e a dos jogos de computador não se diferenciam muito. Frow aqui aponta para dos dois principais componentes do prazer: imersividade e cinestesia.

Como se não bastasse a realidade do jogo que o absorve completamente, os prazeres que você obtém participando dele – mesmo sentado numa cadeira, totalmente parado – são prazeres do corpo. Você atira, pula, briga, voa, nada – não com este corpo na cadeira, mas com seu outro corpo. E também a incessante repetição desses prazeres e satisfações mecânicos lembram a impiedosa crueldade do império da libido; pois qual outra força levaria um homem racional a essas compulsões tão animalizadas? “Matar milhões de ratos” não é uma caricatura, mas uma regra de sucesso em jogos como RPG (*role playing games*).

A pornografia, diz Frow, é “uma forma extrema, mas não incomum, de influência textual afetiva”. Seu traço característico é a vacuidade avatárica de seus personagens; como diz Susan Sontag, a banalidade psicológica da pornografia não é erro ou incompetência de seus criadores, nem o preço de sua desumanização, mas condição indispensável para evocar uma resposta sexual no receptor. O leitor, espectador, deve ter à sua frente uma tela em branco, para projetar nela suas próprias emoções, expectativas, imagens. No ramo dos jogos de computador isso se chama “customização do avatar”.

Segundo o argumento clássico das feministas da escola de Catherine McKinnon e Andrea Dworkin, a pornografia é uma violência e uma forma de dominação da sexualidade masculina, e reduz a mulher ao papel de objeto, imagem, bem de consumo. “O sexo na vida real não é menos mediado do que na arte. Os homens fazem sexo com as suas próprias fantasias de mulher”.

Esvanece aqui não apenas a fronteira entre sexo voluntário e involuntário, mas também entre o ato, o corpo - e sua imagem, representação, ilusão.

Uma premissa idêntica subjaz no Idealismo Digital contemporâneo. Soldados no front da Terceira Guerra Mundial do Corpo com a Mente são também as inúmeras estrelinhas pornô da Rússia e da Ucrânia, com carinhas de princesas de pelúcia, que nem sequer tiram suas cruces ortodoxas na hora de sua errância sexual internética. Quando perguntadas sobre a razão de se deixar humilhar desta maneira, espantam-se honestamente: “Mas é só o corpo”.

05.

Com efeito, no oriente todas as lutas espirituais se aguçam e o cérebro se queratiniza sob o céu da eterna Idade Média. Passe uma noite à sombra de uma igreja ortodoxa, embriague-se sob o eco dos sinos, inspire aquele ar e aquela obviedade em seus pulmões.

Entre na escuridão do templo. Nos mosteiros ortodoxos você ainda verá os ícones representando um monge crucificado. Ao redor, rondam diabos e demônios, enquanto ele sofre em silêncio na cruz. Pode-se encontrar variações entre as monjas (nos mosteiros femininos). Legenda: *A vida de um monge*.

Os movimentos religiosos de radical negação do corpo na Rússia dos séculos XVIII e XIX – sendo os Skoptsy o exemplo mais famoso - adotaram esse simbolismo, inscrevendo na figura do monge o destino de todo cristão.

Em tal “Crucificação da Carne” as alegorias do asceta, do mundo e do Diabo nararam a luta pela libertação do Espírito do domínio da biologia: o monge crucificado, com a boca e os olhos cerrados, com velas em ambas as mãos; e à sua direita um Corpo, que é

obviamente uma mulher (legenda: *Apetite pela devassidão*), o alveja com o arco no limiar do Inferno, sob a cidadela da Igreja terrena; na frente, o Diabo com uma lança (*O amor às delícias terrenas*) comanda ao crucificado: “Desça da Cruz!”; acima disso tudo paira Cristo com a coroa do mundo.

A recompensa para aqueles que renunciam à carne: a eternidade do Espírito puro.

No auge de seu fervor anticorpo, suas seitas contavam com centenas de milhares de crentes; alcançavam os círculos mais altos da burguesia, do comércio, da corte. As mulheres amputavam seus seios, clitóris e grandes lábios, os homens, seus testículos e pênis.

Os versículos bíblicos favoritos dos castrados eram:

“Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus.”.⁶

“E quase todas as coisas são limpas com sangue de acordo com a Lei, e sem o derramamento de sangue não há remissão [de pecados]”.⁷

“Eis que virão os dias em que dirão: “Feliz o útero estéril que não gerou, e os seios que não amamentaram”.”.⁸

“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida coxo, ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. E, se o teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no fogo do inferno”.”.⁹

06.

A luta do espírito se aguça até que restem apenas os extremos a serem imaginados. O bisavô do transumanismo científico, Nikolai Fiodorovitch Fiodorov, em absoluto não se limitava aos projetos de ressuscitação das mentes puras, mas elaborou planos abrangentes para a ressurreição dos corpos completos de todos que morreram desde o início dos tempos. Legou-nos tratados com muitos volumes sobre a engenharia e a matemática do Apocalipse, que encantaram Dostoiévsky, Tolstói, Tsiolkovsky.

Devido à falta de espaço na Terra para acomodar ao mesmo tempo todas as gerações passadas e futuras da humanidade, o projeto de Fiodorov de superar a morte demandava o domínio de outros planetas e a ocupação do espaço cósmico.

Os problemas entretanto aumentavam incessantemente; com o corpo sempre há uma infinidade de problemas. As mesmas partículas de matéria a partir das quais foram

construídos os invólucros terrestres de nossos ancestrais são afinal elementos constituintes dos nossos próprios organismos, e, a seguir, dos organismos de nossa prole.

Portanto, existe toda uma classe de modelos cosmológicos nos quais a ressurreição dos corpos se revela impossível por razões puramente matemáticas.

07.

Mas eis que a comunidade dos fiodorovianos têm à disposição computadores, esse refinamento puríssimo do poder da mente.

Deles todos, talvez o maior atrevimento na operação de dados concretos é o exibido por Ray Kurzweil – daí também sua carreira na mídia. Atualmente, ele já é considerado como o porta-voz da facção dos transumanistas-praticantes, ou seja, daqueles que não somente filosofam sobre a transcendência do corpo que nos foi dado pela evolução, mas também anseiam por colocar em prática essas ideias o quanto antes.

Kurzweil precisa escapar do seu corpo antes que a doença o destrua, ele tem prazo marcado; no entanto, seu interesse é somente no total e incondicional triunfo sobre o Corpo. Ele tem a esperança da imortalidade? Considera-se um realista: não dispomos ainda dos meios para assegurar imortalidade ao homem, mas temos o conhecimento de métodos para prolongar sua vida, de modo que Kurzweil quer viver tempo bastante para poder viver eternamente.

O raciocínio é o seguinte: a expectativa de vida humana aumenta com o desenvolvimento da civilização, e este aumento é ainda mais acelerado devido ao investimento cada vez mais abundante na medicina geriátrica, à medida que as sociedades ocidentais envelhecem. No Neolítico, a expectativa de vida ao nascer era de vinte anos, enquanto a média global para 2009, de acordo com as estatísticas do Google, supera sessenta e nove anos (para a Polônia: 75,7). Em algum momento, a velocidade deste aumento chegará à taxa de 1:1, ou seja, a cada ano a expectativa de vida aumentará em pelo menos um ano. E isso, de fato, significa estendê-la indefinidamente: de agora em diante, a data estatística da morte já estará se distanciando de nós. Em outras palavras, a tecnologia avançará mais rápido que o envelhecimento.

Por enquanto, a expectativa de vida está aumentando em aproximadamente dois anos a cada dez, mas Kurzweil defende que a taxa de 1:1 será alcançada em quinze anos.

Para a imortalidade do próprio Kurzweil, entretanto, não é necessária essa elevação da média global, mas apenas do máximo local, ou seja, que a sua expectativa de vida aumente ao ritmo de um ano por ano. Até o momento em que ele não precisará de forma

alguma se preocupar com a condição de seu corpo, tendo-o abandonado como um navio naufragado - quando ele se transferirá de um veículo proteico para um veículo digital.

Ray Kurzweil, ou seja, sua mente.

08.

Quando a cibernética ainda engatinhava, quando ainda acreditávamos em marcos divisórios maravilhosamente simples e binários como o teste de Turing, e o futuro se apresentava como um fluxo interminável de sucessivas revoluções na construção da IA (derramo uma lágrima lembrando dos ‘cérebros eletrônicos de sexta geração’ de Lem), a redução do homem a um reflexo digital de sua estrutura cerebral – desde que o *neuroscaner* tivesse uma resolução suficientemente boa – parecia tão óbvia que não era sequer necessário justificar estas teses.

Em vez disso, nos embrenhávamos com fascínio no paradoxo da ontologia digital: uma vez que sou pura informação, ao viajar não mudo de lugar, mas apenas sou copiado, ou seja, morto e criado, morto e criado, e criado, e criado, mas, se a informação é imortal, poderia uma alma pode existir em um milhão de cópias? Há tratados multivolumes sobre isso.

Em seguida, tudo começou a se borrar desagradavelmente. Penrose enxergou o mistério da consciência humana nas maravilhas da gravidade quântica, e Searle, na própria biologia da proteína. Antes de tudo, porém, começamos a perceber a infinita perversidade da armadilha do quarto chinês².

Ok, digamos que criamos o correspondente digital do cérebro humano, e que esse sócia interno de uma simulação de máquina fala e se comporta exatamente como o original – mas como poderíamos ter certeza de que esta cópia digital entende o que diz, de que está consciente disso e de si mesma?

Nenhuma de suas declarações e nenhum dos testes realizados com ela, nenhuma das apresentações de seus estados emocionais irá superar este paradoxo; o quarto chinês – esta perfeita simulação mecânica do homem – poderá escrever poemas e sinfonias, mas não adquirirá consciência com isso. Ou melhor: não chegaremos à percepção de sua consciência ou da falta dela. Da mesma forma, não tenho percepção da consciência de outras pessoas; na verdade, é apenas o chamado senso comum que me faz supor que não sou o único humano real entre bilhões de zumbis.

Afinal, de onde vêm os hábitos e regras do senso comum – de evidências matemáticas ou da experiência de vida, do costume social?

² O Argumento do Quarto Chinês é uma experiência mental proposta por John Searle como contraponto às afirmações de que a Inteligência Artificial emulará no futuro a consciência humana. (N.T.)

09.

A China foi o primeiro país do mundo a reconhecer oficialmente a dependência da Internet como doença, e é considerada, se não o epicentro, pelo menos como o país na linha de frente nesta luta do Corpo contra a Mente pura.

Segundo pesquisas de 2009, 6,44% dos estudantes de primeiro ano na China apresentam permanente dependência da Internet. Uma categoria especial, com seus próprios sintomas e termos, é a dependência de jogos on line (wǎngluò yóuxì). Os chineses também parecem ser mais propensos às formas mais severas de dependência (14% contra 4% nos EUA).

Em que consiste a singularidade da China? Talvez haja algo na correlação entre esses vícios e a política de filho único da China. A síndrome do “pequeno imperador” foi descrita há muito tempo: os filhos únicos são objeto de atenção e cuidados desproporcionais por parte de seus pais, ao mesmo tempo em que estão sujeitos, desde tenra idade, a uma grande pressão para terem sucesso. Não tendo contato natural com outras crianças em casa, eles estabelecem contatos na Rede; a geração mais jovem aprende a deixar o Corpo ainda em idade pré-escolar.

Observe as crianças pequenas utilizando tablets com facilidade - seus olhos serão abertos.

Com a industrialização e a urbanização, avança na China também a vida privada, estritamente fechada entre quatro paredes. E o papel de lugares naturais para socialização fora do ambiente familiar foi ocupado pelos cibercafés, em nenhum outro lugar mais populares que na Ásia. De jogos on-line participam principalmente homens jovens. Enquanto isso, a política do filho único, combinada com a preferência cultural por meninos, criou uma excepcional pressão social, de modo que em 2005 a proporção de homens para mulheres na população total da China tendia a um caricatural 120:100 (Os abortos seletivos são o mais primitivo método de projeto genético).

Em resposta, foram criados na China os chamados centros de desprogramação da juventude, campos de combate ao vício na Internet; o primeiro foi aberto em 2004 no Hospital Militar Principal em Pequim. Os pais, impressionados por histórias como a de um adolescente de 13 anos de Tianjin que, depois de jogar World of Warcraft por um dia e meio sem parar, saltou do teto de um edifício para “juntar-se aos heróis do jogo”, enviam seus filhos a esses centros de reabilitação, pagando muitas vezes pequenas fortunas por esses serviços.

Em que consiste tal reabilitação? São exercícios constantes de corporalidade.

Acima de tudo, os delinquentes são isolados de qualquer mídia digital; no campo eles têm contato exclusivamente com a realidade analógica nua. A desprogramação se

baseia principalmente em forçar brutalmente as pessoas a um tal rigor de esforço físico - corrida, agachamentos, flexões, tarefas e exercícios, supervisores aos gritos, espancamentos com paus, alertas noturnos, lama e frio e barras - que elas não são mais capazes de pensar em nada além dos simples prazeres do corpo: dormir, comer, descansar. O corpo se torna seu mundo, o corpo fecha os horizontes da mente, do corpo provém todo o prazer e toda tortura, do corpo provém a salvação e o tormento, não há nada fora do corpo.

É uma guerra de vida ou morte. Quando histórias sobre a morte de crianças nestes campos finalmente chegaram à mídia (quando a censura chinesa permitiu que chegassem), alguns centros foram fechados; outros ainda estão operando.

10.

Quando esta guerra eclodiu? Mesmo voltando às práticas xamânicas pré-históricas, ainda não chego à fonte. É mais fácil resumi-la com um clichê: que na sensação de ruptura entre céu e terra, mente e corpo, espírito e matéria, eternidade e temporalidade, expressa-se a especificidade da condição humana. Afinal, ao lado da vida/morte e da masculinidade/feminilidade, este é provavelmente o mais profundo dualismo da cultura humana.

Mas também não é que esta tensão não mude com o tempo, não diminua e não aumente, e não encontre nunca cada vez mais novos canais de escoamento.

Nenhum compêndio pode, é claro, esgotar o assunto; estamos entregues a simplificações, metáforas e atalhos. O que podemos esperar? Um corte transversal atualizado e original nessas quilométricas camadas de cultura.

A Primeira Guerra Mundial entre o Corpo e a Mente foi a guerra da religião.

A Segunda Guerra Mundial entre o Corpo e a Mente foi a guerra da filosofia.

A Terceira Guerra Mundial entre o Corpo e a Mente é a guerra da tecnologia.

Elas não têm datas concretas de início e fim; nunca se extinguem completamente, espraiando-se por outras terras: política, cultura de massa, medicina, economia.

Apenas a Terceira Guerra, entretanto, é uma guerra verdadeiramente total, ou seja, que atinge com consequências práticas todos os aspectos de nossa vida (e mesmo morte). (E até mesmo a imortal existência eterna).

11.

Diz o expensor do corpo¹⁰.

Paolo Atzori & Kirk Woolford conversam com Stelarc

Stelarc (Stelios Arcadiou) vem expandindo seu corpo em performances desde o final dos anos 60 do século XX. Ele é creditado por equipar seu corpo com a “Terceira

Mão”, estendendo-se para a realidade virtual com a “Mão Virtual” e mais de 25 “suspensões”, quando ele suspendia seu corpo por meio de ganchos perfurando a pele.

As explorações artísticas de Stelarc giram em torno da ideia do “corpo expandido” - tanto física como tecnicamente.

Q: As suas suspensões trazem imediatamente à mente os rituais hinduístas, os dos índios americanos e outros semelhantes.

A: Outro contexto é o desejo primordial de voar. A maioria dos rituais primitivos gira em torno da suspensão do corpo, e no século XX os astronautas já estão realmente flutuando livremente, imponderavelmente. Os atos de suspensão situam-se em algum lugar entre esses anseios primitivos e a realidade de hoje.

Q: Você sempre trabalha no seu corpo. O corpo é o seu meio. Como se sente sendo ao mesmo tempo o artista e a obra de arte?

A: Para mim, o corpo constitui uma estrutura impessoal e objetiva, fruto da evolução. Ao longo de dois mil anos, temos sacudido e cutucado nossa psique sem nenhuma mudança discernível na condição humana, então talvez devêssemos abordar as coisas a partir dos próprios fundamentos da fisiologia e permitir a possibilidade de que somente redesenhando radicalmente o corpo desenvolveremos sistemas de pensamento e filosofia significativamente diferentes. Creio que nossas filosofias são fundamentalmente limitadas por nossa fisiologia, por uma orientação estética particular no mundo, pela forma como percebemos e compreendemos o mundo através de nossos cinco sentidos e pela tecnologia específica que apoia os sentidos. Penso que uma inteligência verdadeiramente diferente, alienígena, emergirá de um corpo alienígena ou de uma máquina. Não me parece que os humanos sejam capazes de criar filosofias verdadeiramente novas. E os representantes de uma espécie alienígena absolutamente não devem ter a mesma ideia sobre o mundo.

Q: Se tal filosofia surgisse, ela não seria uma filosofia humana. Como traduzi-la em categorias da humanidade?

A: Bem, não devemos, claro, atribuir ao corpo humano ou à espécie humana a posse de alguma natureza absoluta. Já não faz muito sentido acorrentar o nosso “eu” no interior de um determinado corpo biológico. Ser humano é estar sujeito a uma redefinição constante. Eu não tenho nenhum problema com isso.

Q: Então o homem não é este ser aqui sentado, com essas duas mãos e pernas, mas algo diferente, além dele?

A: Sim, evidentemente. Se você se senta aqui ao meu lado com um marca-passo, um quadril artificial, e alguns artificios auxiliares para o fígado e os rins, devo conside-

rá-lo menos humano? Francamente, mesmo que a maior parte de seu corpo consistisse em partes mecânicas, de silicone ou eletrônicas, e você se comportasse de uma maneira socialmente aceitável, e interagisse comigo como um humano interagiria - para mim você pertenceria à raça humana.

12.

As transcendências mais radicais do corpo transcendem também o dualismo cartesiano.

A moderna matemática do Apocalipse – diferentemente dos modelos simples de Fiodórov – não tropeça mais no problema de acomodar os corpos de todas as gerações humanas na superfície finita da Terra. Segundo os cálculos do famoso cosmólogo Frank J. Tipler, das conhecidas leis da física segue-se inevitavelmente a necessidade de vida inteligente para assumir o controle de toda a matéria no universo, até que por fim, ao final dos tempos, ele seja levado ao colapso numa singularidade, colapso tão precisamente projetado que a força do processamento desta matéria atingirá o infinito e os mundos nela emulados durarão eternamente. Desta forma será possível recriar e processar infinitamente todas as versões da história do universo, e todos os seus habitantes possuirão vida eterna.

Esse Ponto Ômega coincide com a própria definição de Deus na maioria das religiões. A emulação é aqui tão completa que de fato é difícil descartar se nós mesmos não estamos dentro do Ponto.

Então, qual é a diferença entre a Mente e o Corpo? São duas vertentes de um mesmo programa, dois pensamentos simultâneos de Deus: informação e informação.

13.

Soundtrack¹¹

We barely remember who or what came before this precious moment,
We are choosing to be here right now. Hold on, stay inside This holy reality, this holy experience.

Choosing to be here in

This body. This body holding me. Be my reminder here that I am not alone in
This body, this body holding me, feeling eternal All this pain is an illusion.

Alive, I

In this holy reality, in this holy experience. Choosing to be here in

This body. This body holding me. Be my reminder here that I am not alone in
This body, this body holding me, feeling eternal All this pain is an illusion.

Twirling round with this familiar parable.
Spinning, weaving round each new experience.
Recognize this as a holy gift and celebrate this chance to be alive and breathing.
This body holding me reminds me of my own mortality.
Embrace this moment. Remember: we are eternal All this pain is an illusion.

Tool, Parabola

14.

Ray Kurzweil tem duas obsessões principais: a imortalidade digital e a economia sem escassez de bens (post-scarcity economy).

Esta última ainda parece ser uma utopia bastante distante, ao passo que alguma forma de inteligência digital potencialmente imortal (porque a informação não envelhece, embora tenha sua entropia) terá que ser enfrentada em breve. Mesmo que não se trate de uma inteligência transferida do cérebro humano.

Kurzweil acredita firmemente na lei de Moore, segundo a qual o progresso científico, em todos os campos onde os computadores são utilizados, se dá em progressão geométrica, como se realmente a duplicação da potência dos processadores a cada um ou dois anos fosse uma lei da natureza e resolvesse todos os problemas.

Não resolve. Mas o sucesso na transferência da Mente do Corpo para o Dígito é de qualquer forma inquestionável, independentemente da tecnologia que tenhamos disponível. Estou convencido, todavia, que na prática ninguém – com exceção de estudantes de filosofia e colunistas católicos – vai se importar se pessoas digitais são de fato conscientes ou apenas parecem ser.

Independentemente um do outro, pesquisadores do Instituto Max Planck em Heidelberg e da Harvard Medical School forneceram recentemente provas da possibilidade de emular as funções cerebrais em um computador - reconstruindo-as a partir de escaneamentos cerebrais. O Blue Brain Project, iniciado em 2005 e cofinanciado pela IBM, visa criar uma simulação computadorizada do cérebro humano inteiro, funcionando de uma forma indistinguível do cérebro físico. Este é um empreendimento gigantesco: é preciso o poder de um laptop moderno para simular um único neurônio, e o cérebro humano tem cerca de cem bilhões de neurônios.

Suponhamos que o projeto será bem sucedido, ou seja, uma simulação completa do cérebro será executada no computador. Suponhamos que o problema do escaneamento não invasivo com resolução apropriada será resolvido, e que não será um cérebro genéri-

co do Homo sapiens que será ali processado, mas a cópia ideal do cérebro de uma pessoa concreta, algum Fulano de Tal. E que este Fulano de Tal virtual (FTV) falará e se comportará exatamente da mesma forma que o Fulano de Tal real (FTV). Além disso, até mesmo os escaneamentos cerebrais de FTV poderiam ser iguais às de FTV. Naturalmente, isto ainda não nos permitirá afirmar que a consciência de FTR também foi recriada em FTV; ou se FTV não é apenas um quarto chinês muito complicado.

Mas já é suficiente que se vá além das experiências de pensamento que operam em construções lógicas. São as pessoas que emigrariam de seus corpos, é na cultura humana que a imortalidade reverberará. O paradoxo do quarto chinês continua valendo - mas o que dizer disso?

Você encontra FTV controlando seu novo corpo biológico ou não biológico, ou simplesmente interage com ele diariamente em um ou outro ambiente virtual; além disso, FTV não é uma exceção, existem muitos “cidadãos digitais” por aí, eles reagem como humanos, trabalham como humanos, participam da cultura como humanos – e o que acontece? Mais cedo ou mais tarde, você se acostuma com eles.

As divagações filosóficas deixam de ter importância diante da experiência cotidiana. Já estamos rodeados de tanta inteligência eletrônica e de máquina que uma pessoa da alvorada da cibernética trazida para cá não nos daria sossego com perguntas sobre os testes de Turing e questões similares, na sua época consideradas cruciais. Enquanto isso, milhões de bots na Internet diariamente passam nos testes de Turing; é até mais fácil achar que o próximo anônimo no chat seja apenas um algoritmo simples de conversação. E não damos atenção a isso. Não fazemos uma segunda reflexão. Já vivemos num ambiente de primazia da informação sobre a matéria, ele se tornou natural para nós. Respondendo a e-mails, mensagens de texto, cooperando e competindo com os avatares de estranhos na web, fazendo amizade em redes sociais com pessoas construídas a partir de palavras, imagens, associações culturais, nos acostumamos com a vida da Mente pura.

15.

Diz o expensor do corpo

Q: Você continua voltando ao tema do redesenho do corpo humano. Mas quem decidiria como ele deve ser redesenhado?

A: (risos) Aqui há muitas vezes mal-entendidos, em parte devido a críticas sensíveis a qualquer roteiro fascista, ditatorial, como de o de Orwell ou do Big Brother.

Não tenho qualquer noção utópica do corpo perfeito que eu projetaria; ao contrário, especulo sobre as maneiras pelas quais os indivíduos - sem coação, movidos por seus

próprios desejos - poderiam refazer seus corpos, considerando que o corpo se tornou tão incomodamente redundante num ambiente intensivamente saturado de informação. É este insano impulso aristotélico de acumular cada vez mais e mais informações. Um único ser humano não pode sonhar em assimilar e processar criativamente todas essas informações. Os humanos criaram a tecnologia e as máquinas, que aqui são significativamente mais precisas e poderosas.

Como o corpo deve funcionar neste mundo de máquinas? (...) Não podemos mais projetar tecnologia com base no corpo, porque a tecnologia está começando a superar e a desalojar o corpo. Então talvez seja hora de projetar o corpo com base nas máquinas. Precisamos encontrar uma maneira de introduzir a tecnologia de implantes eletrônicos no corpo e melhorar [*augment*] o cérebro. Precisamos conectá-lo diretamente à Rede. No momento isso não pode ser feito; nós o fazemos indiretamente, através de teclados e outros periféricos. Você não pode simplesmente “se engatar” à rede. E não estou falando aqui de imagens de ficção científica. Para mim, estas perspectivas já são óbvias.

Q: O corpo recombinação significa a expansão de nossas sensibilidades, de nossa percepção. Mas nossos sentidos estão conectados ao cérebro, tudo “acontece” no cérebro. Portanto, apenas ter, digamos, visão de raio-x, não fará nada. Teríamos também que mudar as sinapses, as conexões no cérebro.

A: Não começemos agora a separar o cérebro do corpo. Esta entidade biológica particular, com suas redes cinestésicas, medula espinhal e músculos - como surge a curiosidade nela? Precisamente desta orientação motora no mundo, da mobilidade do corpo. O desejo de separar o cérebro é um legado do dualismo cartesiano. Pensar desta maneira não é mais produtivo. Precisamos pensar sobre o corpo acoplado ao novo ambiente tecnológico.

16.

Como eles se atormentam! Como se quebram, se esmagam, se desmancham, se dispersam e se reagrupam. Como trabalham. Trabalham em quê? Em seus corpos.

Não são os atletas profissionais. Não são os aristocratas da antiguidade. Não são os gladiadores guerreiros caçadores, nem as profissões das castas tribais.

Somos todos nós.

Nunca na história o trabalho no próprio corpo foi uma atividade tão generalizada e compulsiva da humanidade.

Como não perceber? Indo pela rua se vê.

Seguraram seus corpos com as tenazes da mente, nas garras da vontade, e fazem com eles o que querem. Em academias, em consultórios de cirurgiões plásticos, em dietas

e maratonas de cosmetologia, em cabeleireiros, estilistas, alfaiates, piercers e tatuadores, e, em breve, em geneticistas estéticos. Não há limite; o único limite é a capacidade prática de remodelar o corpo, e ela cresce a cada ano.

Então, quando você vê no espelho esta criação de sua vontade, imaginação, determinação, este objeto, obra de arte, objeto de operações mentais posteriormente impressas na matéria, é este “eu” que olha - que controla, este artista do corpo que cria e avalia - é este corpo, ou será alguém totalmente fora do corpo, um demiurgo tecido de puro pensamento?

A princípio, valorizar a atração do corpo era considerado antiético e antipático, pois não tínhamos influência sobre o corpo, não o escolhemos, ele nos foi dado por Deus (destino, natureza).

Depois, hoje, não se deve valorizá-lo desta forma, porque embora tenhamos influência, ela requer dinheiro, portanto o corpo e, mais amplamente, a aparência, é um derivado do status material e as pessoas que avaliam com base no corpo não são diferentes dos darwinistas econômicos predatórios.

Mas os preços estão caindo, a tecnologia está ficando mais barata, a modificação do corpo se torna cada vez mais fácil, mais natural, a começar pela higiene pessoal, roupas; a fronteira entre corpo virtual e físico está ficando cada vez mais fina, e não demora:

“Se cuide! É indelicado – ser feio”.

O impacto cultural mais profundo da pornografia não são as revoluções no *savoir-vivre* das camas, a mudança dos limites da intimidade ou a banalidade da beleza na “Playboy”, mas o photoshop já permanentemente embutido em nossos olhos.

17.

Diz o diabo sob a cruz:

– Eu, eu, eu os governo, os obsediei, lhes inflingi a obsessão do corpo, para que não mais se libertem do domínio da matéria, do poder dos bens e das medidas sensuais: o prazer dos olhos, o prazer dos ouvidos, o prazer da língua, o prazer da pele, o prazer do estômago, o prazer dos quadris. Neste mundo vivem, sobre esse mundo pensam, a este mundo servem.

Diz o asceta da cruz:

- Eu, eu, eu os governo, eu os iluminei, eu revelei a primazia do espírito, eles viram que o corpo é apenas um objeto, uma vestimenta da mente, então podem fazer com ele o que quiserem, porque eles veem perfeitamente: o corpo não sou eu, eu apenas uso o corpo, coloco esta veste para o tempo da existência terrena, mas poderia usar outra, e

embora não seja conveniente deixar completamente a veste, não é ela que me torna humano, não é ela.

18.

Diz Andrea Dworkin:

“Nem uma única parte do corpo do ser humano permanece intocada, inalterada. (...) Da cabeça aos pés, e cada traço do rosto do ser humano, cada parte de seu corpo está sujeita a modificações, alterações. É um processo contínuo e repetitivo. Crucial para a economia, é a base da diferenciação entre os humanos e a realidade física e psicológica imediata do ser humano. A partir dos onze ou doze anos até a morte, uma pessoa dedicará muito tempo, dinheiro e energia para esculpir, depilar, pintar e mimar seu corpo. É tão comum quanto errôneo afirmar que os transumanistas fazem uma caricatura dos seres humanos através do uso da tecnologia, mas basta estudar o ethos romântico para entender que os transumanistas alcançaram a própria essência da experiência da humanidade”.

Nesta citação de *Woman Hating: A Radical Look at Sexuality* (1974), eu troquei ‘mulher’ por ‘ser humano’ e ‘travesti’ por ‘transumanista’.

E tudo se adequa.

19.

Quando, pela enésima vez, a típica tese sobre o definhamento de todas as formas de masculinidade no mundo contemporâneo volta à conversação, enquanto as mulheres, oh, asmulheres, como elas se modernizaram e se adaptaram! como elas reprogramaram e rearranjaram inteligentemente sua identidade! - Lembro-me das mesmas queixas rituais sobre a objetificação das mulheres, sobre sua redução a objetos carnavais, sobre a estetização de sua corporalidade até o nível mesmo da pornografia.

E não ocorre a ninguém que o primeiro é precisamente a consequência do segundo.

A superação de uma determinada consciência não significa sua negação binária, mas sua edificante inclusão em uma síntese na próxima etapa do minueto dialético.

Enquanto isso, todos repetem as mesmas banalidades. Veem, mas permanecem cegos para a verdade.

Como não perceber? Indo pela rua se vê.

O mesmo que espera as mulheres espera os homens. Os homens - de fato, toda a raça humana - sentem a mesma pressão de autocriação, intensificada pelas tecnologias de modificação corporal que estão se tornando mais baratas, profundas e fáceis a cada ano.

Somente nos EUA, 2,1 milhões de procedimentos de cirurgia plástica foram realizados em 1997, e chegaram a 9,2 milhões em 2011 (gastando-se neles quase 10 bilhões de dólares).

Em primeiro lugar entre as cirurgias em mulheres está o aumento dos seios, que, apesar de doloroso, tem no ranking do RealSelf uma avaliação de 94% para VALEU A PENA.

RealSelf.com é um portal social para clientes de cirurgias cosméticas. Como o próprio nome sugere, os usuários veem a modificação corporal como o processo de revelar o “eu real” por debaixo da matéria fortuita. Pois eles já sabem: o corpo real não é seu corpo físico.

20.

Diz Jerzy Nowosielski:

“A mulher é mais corpo do que o homem, a mulher é a corporalidade por excelência e sua consciência de como essa corporalidade deve parecer não deixa de influenciar aqui. Toda mulher, desde a primeira infância, sabe como será sua corporalidade na mocidade ou na maturidade. Sua corporalidade é, em si mesma, sacra. Um homem não tem consciência de seu corpo. Há um ditado que diz: uma mulher deve ser bonita e um homem só não pode ser mais feio que um macaco... Um homem se veste para cobrir seu corpo, e uma mulher se veste para mostrar seu corpo.... E estas são duas coisas diferentes.

A corporalidade dos homens é defeituosa, sensual, é basicamente impossível de superar¹².

21.

A atratividade física tem a vantagem de que a beleza do corpo é percebida à primeira vista, e portanto pode ser vendida muito facilmente, não há “barreiras de entrada”. A beleza da mente, por outro lado, é invisível sem o envolvimento da própria mente.

E ainda assim - que carreira inacreditável na cultura pop tiveram nos últimos anos os *nerds*, *geeks*, *savants* desajustados socialmente, gênios autistas e intelectuais *aspergers*! A mente lançou um contra-ataque maciço às trincheiras do Corpo na linha de frente menos esperada: a cultura pop.

E hoje eles são os próprios negativos dos icônicos Mártires do Corpo: Mártires da Mente, cérebros crucificados, monges da Ordem do Dígito.

O gigante alemão da informática, SAP AG, em maio deste ano¹³ anunciou um programa estratégico para empregar pessoas autistas. Isto não é um artifício fiscal ou uma

vênia ao politicamente correto, mas um frio cálculo comercial. Em parceria com a empresa dinamarquesa Specialisterne, eles querem empregar 650 pessoas autistas até 2020. Há muito tempo a Specialisterne vem recrutando programadores e testadores de programas com autismo. Os autistas são tradicionalmente considerados excepcionalmente dotados para trabalhar com computadores: têm uma extraordinária habilidade para reconhecer padrões [pattern recognition], encontrar erros (anomalias), captar grandes conjuntos de dados e trabalhar com padrões repetitivos que requerem longa concentração.

Agora, no entanto, eles começam a ser vistos como excepcionalmente dotados nos negócios como tal. Benedetto De Martino, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, mostrou que os autistas são melhores na tomada de decisões racionais, pois não são sobrecarregados pelas emoções. Além disso, ao contrário da crença popular, eles são capazes de trazer para a mesa soluções originais, nas quais ninguém mais teria pensado. Pessoas autistas, com efeito, não as avaliam de acordo com a probabilidade. Seu mundo é o mundo da lógica pré-probabilística, onde não há motivo racional para que xícaras quebradas de vez em quando não se colem de novo em uma porcelana impecável, e para que pessoas não ressuscitem dos mortos; não restringem sua imaginação aos hábitos do mundo da Matéria.

Em um famoso artigo na Wired em 2001 (*The Geek Syndrome*), Steve Silberman descreveu a dependência genético-social, o que logo provocou alegações de que, pela primeira vez na história da espécie Homo Sapiens, os intelectos puros estão se multiplicando.

Silberman apontou para o dramático aumento no número de crianças diagnosticadas com a síndrome de Asperger na Califórnia: de 1993 a 2001, a estatística saltou para o triplo. O epicentro do fenômeno é o Condado de Santa Clara, um distrito do Vale do Silício.

Isso bastou para logo associar dois fatos:

1. Os fundamentos neurológicos do autismo são geneticamente condicionados (se um de dois gêmeos é autista, com 90% de probabilidade o segundo também será).

2. Pessoas excepcionalmente boas em áreas ligadas à informática, matemática, trabalho com números, manifestam deficiências autistas com frequência desproporcional.

Assim, ocorreu uma inversão local dos vetores de atração social: as mesmas características que sempre desqualificaram o Homo sapiens no jogo de replicação e propagação de seus próprios genes tornaram-se características desejáveis, e seus portadores deixaram de ser exceções solitárias, os marginalizados, mas ao contrário começaram a mover-se em um ambiente de pessoas semelhantes a eles mesmos, onde não lhes era difícil encontrar parceiros, muitas vezes também portadores desses genes (assim, sua recessividade perdeu importância).

Estudos posteriores confirmaram esta correlação. O trabalho de psicólogos no Centro de Pesquisa do Autismo em Cambridge em 2011¹⁴ mostrou que Eindhoven, um centro holandês de TI, registra 229 casos de autismo por grupo de 10.000 crianças, comparado a 84 em Haarlem ou 57 em Utrecht. Portanto, este não é um fenômeno da Califórnia ou do Vale do Silício; é uma regra do progresso tecnológico.

Tony Attwood, especialista na síndrome de Asperger e autor dos clássicos “guias para a Síndrome de Asperger”, observou uma tendência social ainda mais abrangente: as mulheres “normais”, que se dão bem em suas relações interpessoais e em suas profissões, escolhem homens com Asperger como maridos. Elas veem neles muitas qualidades culturalmente desejáveis: são sempre pontuais, previsíveis, inteligentes, “seguros”. Além disso, em uma época dominada por negócios relacionados a computadores, a associação da cultura pop dos casos leves de Asperger faz com que os homens com Asperger são vistos como “sexy” por si sós.

Outra vitória da Mente sobre o legado animal da biologia.

22.

Diz Delmore Schwartz

“the whitness of the body”

*The heavy bear who goes with me,
A manifold honey to smear his face,
Clumsy and lumbering here and there,
The central ton of every place,
The hungry beating brutish one
In love with candy, anger, and sleep,
Crazy factotum, dishevelled all,
Climbs the building, kicks the football,
Boxes his brother in the hate-ridden city.*

*Breathing at my side, that heavy animal,
That heavy bear who sleeps with me,
Howls in his sleep for a world of sugar,
A sweetness intimate as the water's clasp,
Howls in his sleep because the tight-rope
Trembles and shows the darkness beneath.
--The strutting show-off is terrified,*

*Dressed in his dress-suit, bulging his pants,
Trembles to think that his quivering meat
Read More
Trembles to think that his quivering meat
Must finally wince to nothing at all.*

*That inescapable animal walks with me,
Has followed me since the black womb held,
Moves where I move, distorting my gesture,
A caricature, a swollen shadow,
A stupid clown of the spirit's motive,
Perplexes and affronts with his own darkness,
The secret life of belly and bone,
Opaque, too near, my private, yet unknown,
Stretches to embrace the very dear
With whom I would walk without him near,
Touches her grossly, although a word
Would bare my heart and make me clear,
Stumbles, flounders, and strives to be fed
Dragging me with him in his mouthing care,
Amid the hundred million of his kind,
the scrimmage of appetite everywhere.¹⁵*

23.

Uma história tão banal quanto uma dor de dente. Eu não suspeitei de nada. Por razões completamente diferentes, fui fazer um exame. Incluído no pacote estava um ultrassom abrangente. Ok, como já estou ali deitado coberto por este gel frio e viscoso... E logo a descoberta: o que está lá no monitor? Uma rede de tumores sobre a tireoide como uma densa nebulosa estelar. “E estes tumores poderiam ser malignos?” “Ei, não é provável...” Portanto, um encaminhamento para biópsia, a biópsia, e ter que esperar pacientemente pelos resultados, e no final se revela que a estatística estava do meu lado, uff. A outra coisa é o hipotireoidismo - evidente. “Nada com que se preocupar, hoje em dia cada pessoa em duas tem Hashimoto”. Dando uma olhada nos resultados dos testes, o endocrinologista escreve uma prescrição. E aqui, veja, está a lista de sintomas do hipotireoidismo. Li e tiquei: sonolência, sensação constante de cansaço, humor depri-

mido, falta de concentração, hipotermia... Então não era eu afundando em um pântano tóxico sob um céu escuro - era meu corpo, comandado por hormônios, me puxando para baixo, para baixo, para baixo.

“Tome todos os dias, tudo deve voltar ao normal”. Então eu tomo, o corpo recebe a química, a química afeta o cérebro, e eu já sinto diferente, penso diferente, vivo diferente. A mente reage.

— E AGORA A TORCER A FITA DE MÖBIUS —

Existe um nervo, conhecido como vago, o nervo errante, o décimo, o mais longo dos nervos cranianos, que liga o cérebro humano aos seus órgãos internos, incluindo os pulmões, o sistema digestivo e o coração. O vago é um componente chave do sistema nervoso simpático. Quando a resposta de defesa do corpo é ativada e a adrenalina acelera o ritmo cardíaco e todo o corpo entra na sexta marcha, deve haver afinal um acalmamento e um retorno à normalidade. E é o nervo vago que o acalma. Quanto mais forte for o seu vago, mais fácil você se sintoniza, em vez de viver em estresse, queimando seu corpo em surtos desnecessários. Um tom vagal elevado também promove a produção de insulina e a regulação dos níveis de glicose no sangue, tratando a inflamação e conseqüentemente reduzindo o risco de ataque cardíaco, derrame e diabetes.

A força do nervo vago é fortemente influenciada pelos genes, mas também pelo estilo de vida, dieta e frequência de exercícios. Cada inalação diminui a atividade do nervo vago, aumentando a frequência cardíaca e a oxigenação do sangue, e cada exalação aumenta a atividade do nervo. Quanto maior a diferença entre o ritmo cardíaco na inspiração e na exalação, mais forte é o vago; os números aqui variam de zero a várias centenas de milissegundos. Já é possível medir esta diferença utilizando aparelhos eletrônicos populares.

A questão é que o nervo vago pode ser treinado em grande parte com a própria força da mente. Quanto mais frequentemente, por mais tempo e com mais convicção você pensa bem de seus semelhantes, mais forte é seu vago. A conexão foi descoberta por Barbara Fredrickson da Universidade da Carolina do Norte. Ela está agora conduzindo um estudo das técnicas clássicas de meditação oriental a este respeito.

Você se senta, relaxa, fecha os olhos e repete em sua mente: “Que ele seja feliz. Que ele continue com boa saúde. Que ele viva em segurança”. E o corpo responde.

24.

Em junho de 2013, no congresso Global Futures 2045 em Nova Iorque, Ray Kurzweil, já como engenheiro-chefe do consórcio Google, fez a seguinte série de previsões, que também podem ser lidas como metas comerciais para o Google e seus parceiros:

– até 2029 teremos disponíveis computadores (hardware e software) pelo menos comparáveis à inteligência humana;

– até 2045 a mente humana poderá ser totalmente digitalizada e carregada para um computador, onde continuará a processar sem o corpo;

– dentro de 25 anos estaremos projetando substitutos artificiais (micromáquinas) para os glóbulos vermelhos e brancos, o que aumentará muitas vezes a eficiência e a resistência do corpo humano;

– até o final do século XXI, os corpos poderão ser substituídos à vontade – por partes ou na integralidade - por equivalentes artificiais;

– a nanotecnologia tornará possível a criação de avatares materiais de qualquer forma, borrando a fronteira entre o real e o virtual: os corpos virtuais se tornarão indistinguíveis dos materiais;

– o único limite à imortalidade é o tédio; a mente eterna deve ser provida de estímulos sempre novos ao longo da eternidade, portanto, a indústria de prolongamento da vida deve ser acompanhada por uma indústria de “ampliação” da vida;

– a digitalização e auto ajuste do cérebro significa que é possível (se não necessário) multiplicar muitas vezes o número de conexões neurais e o grau de complexidade da estrutura da mente (Kurzweil falou de um salto de seis ordens de magnitude).

Martine Rothblatt, chefe da empresa de biotecnologia United Therapeutics, também anunciou lá “mentalclones” (mindclones), cópias digitais de humanos, rodando em mindware - software para processar a consciência.

Uma mente reduzida à forma de programa será portanto tão fácil de modificar quanto hoje mudamos o texto nos editores.

Nenhum desses conceitos é novo. Cada um deles já foi revirado em dezenas de páginas na literatura de ficção científica; é difícil enumerar os nomes e truques narrativos para os clones mentais ou mindwares.

Atualmente, porém, somos testemunhas de um processo de transferência dessas ideias para a esfera da prática científica e comercial. Conferências, discursos, nomes e fundos dedicados às empresas que as apoiam dão credibilidade a estas teses, conferem-lhes autoridade.

Movemo-nos entre previsões e hipóteses, não se fala em quaisquer provas - mas agora se pode falar em imortalidade e em cópias digitais dos seres humanos em empresas companhias sérias, elas já são imagináveis.

25.

Diz Leszek Kolakowski

“Há, penso eu, três intuições, conjecturas ou sentimentos irrefutáveis (...) que imprimem a chancela da religião no mundo. Primeiro, a sensação de que todo nosso cosmos empiricamente acessível é uma manifestação de outra realidade, inacessível empiricamente de forma direta, mas que não é fundamentalmente impossível tentar ler essa outra realidade por seus sinais efêmeros no mundo; segundo, que a realidade empírica está sob a supervisão de uma energia proposital que tende para o bem; terceiro, nas palavras da Carta do Apóstolo Paulo aos Hebreus (13:14), “não temos aqui cidade permanente”, ou seja, nossa cidade propriamente dita está em outro lugar, não pertencemos totalmente a este mundo, temos o status de exilados”¹⁶.

26.

O termo ‘avatar’ provém do sânscrito, da tradição hinduísta, e significa descida de uma divindade à terra sob uma forma escolhida, em manifestação corporal.

“Assim como um homem veste roupas novas, se despindo das velhas, do mesmo modo a alma assume novos corpos materiais, abandonando os antigos e gastos”¹⁷.

No University College de Londres, terapeutas liderados pelo Professor Julian Leff estão conduzindo pesquisas sobre o uso de avatares computacionais para tratar a esquizofrenia.

A descrição mais simples da esquizofrenia: demasiadas mentes, apenas um corpo.

Os pacientes criam corpos para essas vozes, sentimentos, personalidades estranhas que se aglomeram em suas cabeças. Não podem, por enquanto, criar corpos materiais para elas e redistribuir o excesso de passageiros em suas cabeças; eles criam corpos virtuais. Com a ajuda de ferramentas retiradas diretamente dos jogos de computador, modelam imagens virtuais dos corpos dessas entidades imaginárias e selecionam o timbre de suas vozes.

Os avatares falam com eles - os esquizofrênicos respondem. Aprendem a resistir a eles. Eles os criaram, por isso sabem que são incapazes de lhes causar dano. Estes avatares são e não são os próprios pacientes; eles são algo estranho, separado, mas que permanece sob controle.

Durante o estudo inicial, dezesseis pacientes foram submetidos a sessões de meia hora. Todos relataram melhoria: a frequência e a força das vozes que ouviam em suas cabeças diminuíram. Três dos pacientes até deixaram completamente de experimentar alucinações auditivas, o que os atormentava há muitos anos.

Em abril de 2013, uma equipe de pesquisadores (W. Steptoe, A. Steed, M. Slater) publicou um artigo intitulado “Human Tails: Ownership and Control of Extended Humanoid Avatars”. Nele, está a descrição dos resultados de um estudo realizado com trinta e dois voluntários, para os quais, no sistema primitivo de Realidade Virtual CAVE, foram alocados para controle avatares equipados com membros extras (rabos) não encontrados no Homo sapiens.

As pesquisas mostraram a notável facilidade com que o cérebro humano desenvolve estruturas neurais que mapeiam e controlam novas formas de corporalidade. Da mesma forma que um cérebro danificado, privado de um fragmento de seu córtex, “transfere” funções para a parte saudável, desenvolvendo ali estruturas de substituição - quase como se o ser humano fizesse brotar novos braços, pernas e órgãos quando necessário.

Não existem barreiras neurológicas para conectar a nossos cérebros outros corpos, configurados de forma diferente, com um aparelho locomotor diferente e uma orientação espacial diferente.

Mais ainda, não há obstáculos para se transplantar a tais Mentem puras e imateriais.

27.

A ciência cognitiva, como todas as ciências baseadas principalmente na investigação mental, é domínio dos intelectuais, e estes naturalmente, em geral, projetam suas próprias experiências e crenças, incluindo as categorias do “eu”. Enquanto isso, muito mais pessoas “comuns” se autoidentificam (também) através de seus estados emocionais, desde sentimentos muito específicos e direcionados a outras pessoas, até estados diretamente condicionados por processos hormonais e por toda a base biológica da consciência.

A tal afirmação, transumanistas otimistas do talhe de Kurzweil respondem ampliando o escopo de escaneamento e simulação digital: não apenas a estrutura do cérebro, mas toda a constituição biológica de um ser humano, isto é, o sistema endócrino, órgãos sensoriais, músculos, ossos, pele, etc., devem ser mapeados no computador.

Ao que os vitalistas-sensualistas invocam o auxílio da experiência irreduzível da “presença física”: existe alguma qualidade imanente do mundo material, não transferível até mesmo para suas simulações mais fiéis. O cheiro de uma flor real (eles argumentam) produz mais do que uma simulação perfeita do cheiro de uma flor, mesmo que ambos estimulem exatamente os mesmos neurônios no cérebro.

Esta é a versão extrema dos pontos de vista expressos pelos “dogmáticos do corpo” culturais de hoje. Para eles, a amizade na Rede, por definição, não pode ser uma amizade real, e todo o mundo virtual é apenas “sentar-se ao computador”, enquanto que a “vida real” se experiencia andando nas ruas, respirando o ar, esfregando-se contra pessoas e objetos, envolvendo constantemente o Corpo na Matéria.

28.

Diz Walt Whitman

*Percebo que estar com aqueles de quem gosto é o bastante,
Ficar em companhia deles pelo resto da noite é o bastante
Ser rodeado pela carne bela, curiosa, palpitante, sorridente é o bastante,
Passar entre eles, ou tocar todos eles, ou descansar meu braço mesmo bem de
leve em torno ao ombro dele ou dela por um momento — o que significa isto, então?
Não exijo nenhum deleite maior que este — nado nele, como num mar.
Há algo em se permanecer junto a homens e mulheres, a olhar para eles, sentir-
lhes o contato e o odor, que agrada tanto a alma,
Tudo agrada a alma — mas isso lhe agrada bem.*

Walt Whitman, *Eu Canto o Corpo Elétrico*³

29.

Bem, não somos intelectos puros, loops de algoritmos complexos processados em paralelo em um veículo proteico, mas macacos que ultrapassaram seu ambiente natural de símio.

Nesta narrativa, extremamente popular na última década, a maior parte do desconforto psicológico que afeta o homem pós-moderno é explicada pela herança de sua natureza animal, completamente inadequada às condições de vida de uma civilização tecnológica. E o desconforto vai inevitavelmente crescer à medida que esta lacuna se ampliar: a tecnologia muda nosso modo de vida de uma geração para outra, enquanto a evolução só funciona na escala de centenas, milhares de gerações.

Os conservadores têm razão: o homem sofre por ter transgredido a lei da natureza. E a lei da natureza é esta: a luta pela carne, a velhice aos trinta anos, a fome, o frio e os vermes, e o reinado das presas e garras.

³ Tradução de Ivo Barroso a partir do original, disponível em <https://gavetadoivo.wordpress.com/2011/07/12/um-poema-de-walt-whitman-traduzido-por-ivo-barroso/> acesso em 10 jan. 2022 (N. da T.)

Por que há tantas pessoas gordas por aí?

Porque não precisam correr todo dia pela savana atrás de alimentos que estão sempre fugindo, nem precisam fugir aterrorizados de predadores maiores; e não jejuam por semanas quando a caça não dá certo, e não queimam sua gordura armazenada em noites frias sem fogo, e sempre têm à mão mil facilidades tecnológicas para cada atividade.

Por que o conforto de viver na prosperidade da classe média ocidental nos atormenta e nos corrói tanto? Por que este sentimento de culpa?

Porque não temos que lutar pela sobrevivência, conquistando sem esforço o que fomos programados para adquirir com as ferramentas da competição animal impiedosa; o organismo – e assim também o cérebro - sente que esta é uma trapaça evolutiva, uma recompensa por nada.

Resta-nos praticar esportes radicais, ir a brigas de torcida ou em geral fugir do luxo ocidental para o primitivismo deliberado, ou seja, para o teatro do primitivo.

Ou nos remodelarmos, nós mesmos, para além dos corpos e mentes infligidos pela evolução.

30.

Diz o expansor do corpo

Q: Stelarc, você apresenta no seu trabalho mais recente uma escultura dentro da sua barriga. O que o levou a criar uma escultura para exibir no interior de seu próprio corpo?

A: Eu cruzei a barreira da pele. A pele não marca mais o limite. Eu queria abrir caminho por sob a superfície do corpo, penetrar além da pele. Esta escultura coloca a arte dentro do corpo humano. O corpo acaba sendo um veículo vazio; a divisão do espaço em público, privado e fisiológico perde seu significado. O corpo vazio torna-se um portador, não para o “eu” ou para a alma, mas simplesmente para a escultura.

Q: De que modo você a colocou no estômago?

A: Bem lentamente. Na verdade, esta é a mais perigosa das minhas atuações. Tivemos que ficar perto do hospital para que pudéssemos chegar lá em cinco minutos caso os órgãos internos fossem perfurados. Antes de colocar a escultura, meu estômago foi esvaziado; não comi nada durante oito horas. Depois, engoli a cápsula, já com as luzes acesas apitando e piscando, com um cabo-guia flexível ligado a um controle remoto externo. A seguir, usamos uma sonda endoscópica para inflar o estômago e sugar o excesso de líquidos fisiológicos. Depois, com o controle remoto, montamos a escultura para exibir. Temos documentação de toda a performance desde as gravações de vídeo da sonda endoscópica.

Apesar da bomba gástrica, tivemos problema com o excesso de saliva. Algumas vezes tivemos que rapidamente tirar tudo de mim.

Em 2007, Stelarc cultivou uma terceira orelha no seu antebraço.

31.

Saia na cidade hoje e tente olhar para o mundo como uma emulação eterna da Matéria processada no Ponto Ômega. Não importa que você não acredite nisso, que seja um conto de fadas absurdo. Faça um simples exercício de faz de conta.

Veja os corpos ao seu redor - crianças, adultos, conhecidos, desconhecidos, reais e falsos, ou seja, imagens de corpos, também seu corpo no espelho - como avatares exatamente sobrepostos à Mente.

Inverta na mente as conceituações: estas máquinas, estas pupilas digitais nos olhos do humanista, todos os computadores, telefones, gadgets - eles não são as pesadas âncoras do consumo e a maldição do materialismo, mas ferramentas para a libertação da Mente.

A guerra entre Corpo e Mente, Matéria e Espírito, está acontecendo ao nosso redor e, seguindo o exemplo dos marxistas, pode-se dizer que ela está se tornando mais aguda à medida que o transumanismo avança.

Quanto mais nos aproximamos da extinção completa da fronteira entre Corpo e Mente, do rompimento dessa fita de Möbius, maior é a resistência e a tensão. Há momentos em que a transcendência parece estar à mão; e nesses mesmos momentos se manifesta o poder primordial do Império do Corpo.

Pergunte-se: se eu posso me processar e me reconfigurar de forma inteiramente livre, sem restrições, quem sou eu?

32.

Por alguma razão, Barton está alvoroçado.

BARTON

Eu sou um escritor! Me dedico a terminar algo verdadeiramente BOM! Tá entendendo, grumete? Eu sou um ESCRITOR!

Seus gritos chamaram a atenção de outros hóspedes.

VOZES

Cai fora, cegueta! Deixe que outros aprontem com a donzela! A Marinha está dançando! Vaza, mané.

Um Barton enfurecido se volta contra a multidão.

BARTON

Eu sou um escritor, seus monstros! EU CRIO!

Aponta para sua cabeça.

...Este é o meu uniforme!

Bate na têmpora.

...COM ISSO eu sirvo ao povo! AQUI -

PIMBA! Um soldado de infantaria o derruba com um *uppercut* preciso. Os corpos se empurram. A multidão ofega. A orquestra bufa e ressoa, o pesadelo continua.

Barton Fink (1991), Joel Coen & Ethan Coen

REFERÊNCIAS

DUKAJ, Jacek. Intro. In: DUKAJ, Jacek. *Po Piśmie*. 1. ed. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 2019. p. 6-10.

DUKAJ, Jacek. Trzecia Wojna Światowa Ciała z Umysłem In: DUKAJ, Jacek. *Po Piśmie*. 1. ed. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 2019. p. 11-45.

NOTAS

O trabalho original apresenta as notas relativas ao conteúdo no final do livro. Optou-se por manter esse formato.

1. <http://tattoo.about.com>.
2. Cinco anos após a redação deste ensaio, em agosto de 2018, o *Zombie Boy* cometeu suicídio. No outono de 2019, uma estátua de 4 metros de altura do *Zombie Boy*, de autoria de Marc Quinn, foi colocada na entrada da Galeria de Medicina do Museu de Ciências de Londres. A obra é intitulada *O Gene Autoconsciente*.
3. *The Cyborg's Dilemma: Progressive Embodiment in Virtual Environments*, 1997.
4. *The Relationship of Players to Their Avatars in MMORPGs: Differences between Adolescents, Emerging Adults and Adults*, 2008. <https://cyberpsychology.eu/article/view/4211>.
5. *Will New Media Produce New Narratives?* 2004.
6. Mateus 19:12.
7. Hebreus 9:22.
8. Lucas 23:29.
9. Mateus 18:8-9.
10. *Extended-Body: Interview with Stelarc*, „C-Theory” 1995, <https://journals.uvic.ca/index.php/ctheory/article/view/14658/5526>.
11. Mal nos lembramos do quem ou o quê veio antes desse momento precioso. Estamos escolhendo estar aqui agora mesmo. Calma, fique aqui dentro desta sagrada realidade, esta sagrada experiência. / Escolhendo estar aqui Neste corpo. Este corpo que me envolve. /Lembre-me que eu não estou sozinho Neste corpo, esse

corpo que me envolve, sentindo-me eterno. Toda essa dor é uma ilusão. /Vivo, eu, nesta sagrada realidade, nesta sagrada experiência. Escolhendo estar aqui. Neste corpo. Esse corpo que me envolve, sentindo-me eterno. Toda essa dor é uma ilusão. /Rodopiando com essa parábola familiar. /Girando, entretecendo cada nova experiência. /Reconheça isso como uma dádiva sagrada e celebre esta chance de estar vivo e respirando. /Esse corpo que me envolve me lembra da minha própria imortalidade. Abraça esse momento. Lembre-se: somos eternos. /Toda esta dor é uma ilusão. (trad. livre – Tool é uma banda de rock Americana)

12. Jerzy Nowosielski, *Kobiety we wnętrzu (Mulheres por dentro)*, Varsóvia, 1998

13. Isto é, 2013.

14. *Are Autism Spectrum Conditions More Prevalent in an Information-Technology Region? A School-Based Study of Three Regions in the Netherlands (São as condições do espectro autista mais prevalentes em regiões de tecnologia da informação? Um estudo em escolas nas três regiões dos Países Baixos)*.

15. Delmore Schwartz, *The heavy bear who goes with me*.

16. Leszek Kołakowski, *Czy już w po-chrześcijańskim czasie żyjemy? (Já estamos vivendo numa era pós-cristã?)*, „Tygodnik Powszechny” 2000, nr 40 (2673).

17. Bhagavad Gita 2,22.